

OPINIÃO

Gilberto Freire e a instrumentalização política

O Jornal

26/10/83 1.14

Aquino de Bragança

Gilberto Freire, conhecido escritor e antropólogo brasileiro, autor de algumas obras fundamentais no domínio da sua especialidade, foi condecorado com a Grã-Cruz de Santiago da Espada. Ao proceder à entrega da condecoração, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, proferiu algumas palavras, dizendo nomeadamente que a obra de Gilberto Freire (não pode nem deve ser instrumentalizada por nenhuma ideologia política).

Aquino de Bragança — director do Centro de Estudos Africanos da Universi-

dade Eduardo Mondlane, investigador (que prepara um trabalho sobre a ideologia colonial portuguesa após a II Guerra Mundial) e amigo e conselheiro pessoal do presidente Samora Machel, em cuja preparação da sua visita a Portugal teve intervenção muito importante — enviou-nos, a este propósito, o texto que a seguir publicamos.

Gilberto Freire é, indiscutivelmente, um homem da cultura. Um literato e antropólogo que marcou uma época. Partilhámos do ponto de vista do nosso companheiro de armas Darcy Ribeiro, antropólogo e antifascista, que ao contrário

de Gilberto Freire se pôs ao serviço da causa da libertação dos povos de África dita portuguesa. Não há dúvida de que «Casa Grande e Senzala» foi a ruptura do pensamento brasileiro relativamente às suas origens racionais até então exclusivamente orientado para o vértice branco.

Agora o que não há dúvida também é que a instrumentalização do luso-tropicalismo de que se queixava o nosso amigo Jaime Gama foi realizada com o entusiástico apoio de Gilberto Freire. Basta recordar a sua participação, em 1966, no período da Guerra da Libertação, no Congresso das Comunidades Portuguesas, realizada na

Ilha de Moçambique com a presença dos ideólogos do regime português da ditadura.

Esta aliança foi denunciada, em devido tempo, num escrito polémico de Mário de Andrade, presidente do MPLA, de crítica ao luso-tropicalismo. Foi igualmente denunciada por mim, em 1980, em Fortaleza, num encontro com intelectuais brasileiros, onde estava presente o colaborador de «O Jornal» Augusto Abelaira.

O luso-tropicalismo de Gilberto Freire foi, enfim, o vértice que serviu para ideologizar o colonialismo português, incapaz de criar o seu próprio sistema de justificação.